

número 1 volume 1 junho 2015

ISSN 2446-757X



CÍRCULO DE GIZ

André Bueno • Alfredo Bronzato da Costa Cruz • Alessandra Serra Viegas •
Daniel Augusto Pereira Silva • Diogo Cesar Nunes • Eduardo Gusmão de
Quadros • Ian Almond • Júlio França • Leonardo Cesar do Carmo • Louise
Lemos de Azevedo • Marcelo Fonseca Alves • Maria João Cantinho



CÍRCULO DE GIZ ©

REVISTA CÍRCULO DE GIZ
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ARTES E HUMANIDADES

Rio de Janeiro

NÚMERO 1, VOLUME 1, ANO 1 (junho de 2015)

Semestral

ISSN 2446-757X

1. Humanidades - Periódico. 2. Artes - Periódico. 3. Filosofia - Periódico. 4.
Multidisciplinar - Periódico.

Capa e diagramação: Diogo C. Nunes.

Fotografia da capa: Alfredo Bronzato.

Revisão e revisão técnica:

Louise Azevedo, Diogo C. Nunes,
Marcelo Fonseca Alves e Alfredo Bronzato.

Ilustrações: Anna Corina Gonçalves.



www.circulodegiz.org

“O porto é a porta”: um breve *per-curso* do encontro entre a antropologia e a teologia presentes na prosa de Clarice Lispector

Alessandra Serra Viegas*

RESUMO | O artigo a seguir apresenta uma análise sucinta das obras *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* e *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, sob um elemento peculiar às duas leituras: o encontro entre a questão antropológica – que demarca o conhecimento, o cuidado e a aceitação de si e do outro – e o pensamento teológico – que se manifesta no conhecimento de Deus (do Deus, como Clarice costuma nomear), a partir da ‘humanidade do mais humano’ presente em ambas as obras. De fato, o texto bíblico do profeta Isaías ilustra o que se quer (d)escrever nas linhas abaixo, isto é, conseguir ver a Deus está intrínseca e corolariamente imbricado a ver-se a si mesmo: “ai de mim, que estou perdido! Pois sou homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram ao Rei, o Senhor os Exércitos” (Is. 6,5). Eis o ‘encontro feliz’ de Clarice.

PALAVRAS-CHAVE | Teologia; Literatura; Antropologia; Clarice Lispector.

ABSTRACT | This article shows us a short analysis about *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* and *A paixão segundo G.H.*, from Clarice Lispector, by an issue that is present on them: the meeting between the anthropological question – to know, to care and to accept himself and other one – and the theological thought – that is showed on the God’s knowledge, by the ‘humanity of de human being’ presents on Clarice’s works. Actually, biblical text of the Isaiah shows us what we want to describe below, that is, to see God is linked to see himself: “Woe is me, for I am ruined! Because I am a man of unclean lips, And I live among a people of unclean lips; For my eyes have seen the King, the Lord of hosts” (Is. 6,5). That is ‘the happy meeting’ of Clarice.

KEYWORDS | Theology; Literature; Anthropology; Clarice Lispector.

ESTE TEXTO NÃO É O PRIMEIRO NEM O ÚLTIMO A FAZER REFERÊNCIA à possibilidade de aproximações entre literatura e teologia via antropologia¹. O artigo *Literatura e Teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento*

* Doutoranda em Teologia pela PUC-Rio e em História Comparada pela UFRJ. Professora de Língua Grega e de Exegese e Teologia no Centro Universitário Metodista Bennett. Pesquisadora do NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ.

¹ Antonio Manzatto apontou essa possibilidade em suas pesquisas com a obra de Jorge Amado, no livro *Teologia e Literatura* (1994) e faz um pequeno histórico dessa ‘odisseia’ no artigo *Teologia e Literatura: aproximações pela antropologia* que pode ser visualizado em <http://www.alalite.org/files/rio2007/docs/Manzatto.pdf>

católico contemporâneo, do professor José Carlos Barcellos, demonstra o estado da questão acerca de teorias e metodologias possíveis para se construir e trabalhar esta aproximação.

Barcellos aponta a tese de Antonio Mazatto sobre a antropologia de Jorge Amado à luz da Teologia da Libertação, em cuja perspectiva (a de Manzatto) a teologia pode e deve recorrer à literatura como mediação para a leitura da realidade, complementando ou substituindo a mediação das ciências humanas e sociais (Manzatto, 1994, p.5). Nas palavras de Manzatto mais à frente em seu livro: “Se a sociologia pode dar uma ideia de certas estruturas, é a literatura quem nos põe em contato com uma face da realidade humana vivida e sentida” (Ibid., p.37). Nesse ínterim, Tzvetan Todorov pode contribuir com sua fala acerca da literatura: “O objetivo da literatura é representar a existência humana [...]. A narrativa está necessariamente inserida num diálogo do qual os homens não são apenas o objeto, mas também os protagonistas” (Todorov, 2010, p.86).

Quando mencionamos “aproximações e intersecções” entre Literatura, Teologia e Antropologia, queremos dizer que, na hermenêutica feita a partir das referidas obras de Clarice tais fatos se tornam possíveis. Pode-se perceber em ambas as obras o encontro do mais humano do homem – consigo mesmo e com o outro – inextricavelmente ligado ao encontro com o transcendente, com a divindade, como resposta ou consequência direta ao primeiro dos encontros.

O porto é a porta: o caminho é a mistagogia

As epígrafes de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, já sinalizam ao leitor atento que o texto que tem em mãos tratará de novas buscas e de novos achados, respectivamente. Neste mister, a primeira epígrafe é aquela que mais claramente fala ao leitor, através do texto de Apocalipse 4,1: “Depois disto olhei, e eis que vi uma *porta* aberta no céu, e a primeira voz que ouvi era como a trombeta que falava comigo, dizendo: sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que devem acontecer depois destas”.

Faz-se necessário dizer que a inspiração para iniciar o título deste texto e do subtítulo aqui apresentado – o porto é a porta – devem-se ao artigo da pesquisadora Maria Clara Lucchetti Bingemer, *Iniciação e paixão: a tensão dialética entre Eros e Agape em dois romances de Clarice Lispector*. Ao tratar do percurso se Lóri e Ulisses em *Uma aprendizagem ou O livro dos*

prazeres, Bingemer afirma que ambos “chegam ao porto aonde os levou seu desejo infinito. Mas esse porto na verdade é uma porta”. A mesma porta apresentada na epígrafe apocalíptica.

Clarice nos apresenta, em *Uma aprendizagem...*, a protagonista Lóri, uma mulher, que tem como uma espécie de mistagogo², Ulisses, um homem que tem o dom da palavra, professor universitário que é. A referência à *Odisseia* de Homero e de “seu” Ulisses (= *Odisseu*) é nítida pela habilidade com que este também se utiliza da palavra para se desvencilhar das mais variadas situações pelas quais passa. No entanto, a grande questão da *Odisseia* é o canto de *nostos* (de regresso) que em todo o tempo ocupa seu lugar, pois Ulisses quer retornar à Ítaca, seu reino, seu porto. Ao mesmo tempo, Homero tenta mostrar a seu ouvinte-leitor que tão importante quanto chegar ao porto são as experiências vividas ao longo do caminho, e a porta que se abre para uma nova odisseia. Nesse sentido, *o porto é a porta*. Do mesmo modo, Lóri, conduzida pelo Ulisses de Clarice, viverá novas experiências até chegar ao porto que se abre diante dela. E à porta.

Em *A paixão segundo G.H.*, a personagem principal para Clarice foi ‘pouco a pouco dando uma alegria difícil’, apresentada de antemão a ‘possíveis leitores’, na medida em que caminhar ao porto para que a porta se abra não é tão fácil assim. A procura e a busca já se mostram desde o início, a fim de desfazer-se do velho e encontrar o novo. “Não se põe vinho novo em odres velhos, pois os odres não o suportam por sua novidade e se rompem”, diz Jesus através da pena sinótica dos três evangelistas³: “— — — — — estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi” (Lispector, 2009, p.9). É preciso encontrar o porto. A porta. E a odisseia insólita da procura e da busca

² Um mistagogo era um sacerdote grego, que servia o propósito da iniciação nos mistérios da religião, ensinando as cerimônias e os ritos, sendo mais conhecidos os mistérios de Elêusis, em Atenas. Fora da esfera grega, o mistagogo pode ser qualquer pessoa que inicia outros em crenças místicas, um educador ou pessoa que tem conhecimento dos ‘mistérios sagrados’. Em religiões antigas, um mistagogo seria o responsável por liderar um iniciado nos ensinamentos e rituais secretos do culto. O verbo grego *mystagogéo* designa aquele que conduz ou guia (*ágo*) à cerimônia religiosa secreta (*mystérion*). Assim, o iniciado seguidamente estaria vendado, e o mistagogo deveria literalmente ‘guiá-lo’ até o local sagrado. Conservando esse sentido, Ulisses ‘guia’ Lóri ao conhecimento do mistério que estava presente nela mesma, e ao encontrar-se, encontra a graça e o divino.

³ Mateus 9,17; Marcos 2,22; Lucas 5,37-38.

se faz pela instrumentalidade da massa branca e interior de uma barata, saboreada e engolida, em uma espécie de simbiose mistagógica que se dá no *con-tato*, ao tocar o íntimo da própria G.H. A porta se abre.

Mircea Eliade, ao apresentar “sua” *fenomenologia da iniciação*, diz-nos que esta – a iniciação – comporta geralmente uma tripla revelação: a do sagrado, a da morte e a da sexualidade. A criança é ignorante nas três experiências, no entanto o iniciado as *conhece*, assume e integra em sua nova personalidade. A iniciação é equivalente ao amadurecimento espiritual e o iniciado, que *conheceu* os mistérios, é, agora, *aquele que sabe* (Eliade, 2008, p.153-154). Assim acontece com Lóri e com G.H. Seu retiro feito no interior de si mesmas, fazem-nas, como os neófitos das comunidades longínquas nas selvas, “montar no dorso do tigre”, o Senhor da iniciação⁴, a fim de realizar esta viagem, conduzidas que são aos infernos de seus medos para chegarem, outras e novas criaturas, ao céu de sua própria aceitação. G.H. termina o primeiro e inicia o segundo capítulo dizendo quase em tom professoral: “É que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno” (Lispector, 2009, p.21-22). Necessário foi a elas nascer de novo (*Cf.* João 3,7), passando pelo *parto* de dores e pela *porta* do mais humano do humano.

Clarice e o encontro com o si-mesmo – e com o Deus – através do outro

Ao tratar de identidade e alteridade, afirma o antropólogo Marc Augé que “os seres individuais não têm uma existência a não ser pela relação que os une”. Deste modo, cada indivíduo não é assim – um indivíduo – senão pelo entrecruzamento necessário, mas viável, de um conjunto de relações (Augé, 1999, p.27). Augé nos interpela com a pergunta central que a própria antropologia se faz: ‘quem é o outro?’ É mister sabê-lo a fim de que eu defina e entenda quem sou eu mesmo. Nesse sentido, baseado nas proposições de Levinas (1991) e Ricoeur (1991), Adolphe Gesché corrobora o pensamento de Augé apresentando a alteridade como fator constitutivo da identidade de forma paradoxal, a partir do momento em que o outro me convoca e me faz sair da clausura de mim mesmo:

⁴ A crença de que em alguns lugares um tigre vem e transporta no dorso os neófitos é apresentada por Mircea Eliade entre tantas outras formas de iniciação (Eliade, M., p.154). Não obstante, é interessante notar que Benedito Nunes, dá a seu livro o título de *O dorso do tigre* (1969), que trata, no segundo capítulo, da experiência mística de G.H., examinando o mundo imaginário de Clarice Lispector.

Ninguém se constrói nem se compreende só diante de si próprio, na solidão. Precisamos ser arrancados, chamados, interpelados [...]. Não somente para saber que somos (existência), mas o que somos (identidade). E para poder, com base nisso, construir verdadeira autonomia, que sempre é de diálogo (Gesché, 2005, p.49).

Trazendo à tona ao leitor as elucubrações de Lóri e de G.H., em um embate consigo mesmas e respectivamente, com Ulisses e com a barata, Clarice Lispector entendeu e aplicou perfeitamente em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* e em *A paixão segundo G.H.* as assertivas de Augé e de Gesché. Vejamos como isso se dá em seus dois romances marcadamente intimistas.

Em *Uma aprendizagem...*, Clarice aponta que “A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano” (Lispector, 1982, p.31). Tal afirmação tão carregada de sentido poderia ser tomada como um simples trocadilho ou um pleonasma se não fosse o seguimento de *A Origem da Primavera ou A Morte Necessária em Pleno Dia* que introduzem o leitor ao *mundo do texto* que está por vir: a primavera é o *re-florescer* da fauna e o *re-novar* da fauna. A morte é superada. No entanto, aconteceu. Assim como se dá com a natureza, tornamo-nos humanos mais humanos quando morre algo em nós e renascemos. Os evangelistas tratam este fato como um pressuposto ao seguimento de Jesus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo [...]. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, esse a salvará” (Mateus 16, 24-25; Marcos 8, 34-35; Lucas 9, 23-24).

Em *A paixão segundo G.H.*, a procura pelo que não se sabe o que é tem seu início na dificuldade e no medo do perder-se: “É difícil perder-se[...]. Mas como adulto terei a coragem infantil de me perder? Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando” (Lispector, 2009, p.10-11). Com isso, G,H. se assusta porque se perde em sua ‘formação humana’, sente-se cortada em pedaços e distribuída pelas fomes e percebe que “toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão”. Retoma: “Todo momento de achar é um perder-se a si próprio” e para isso “precisaria agora remorrer” (Lispector, 2009, p.12-14). Quando encontra a barata e a mata, G.H. se pergunta “o que matara eu? Essa mulher calma que eu sempre fora, ela enlouquecera de prazer?” (Lispector, 2009, p.53). De fato e em verdade, ela mata a G.H. que fora antes. Em um processo

natural, mais tarde ela morreria novamente e se perderia ao amalgamar-se à barata. E isto para ser humanizada. Estar viva como nunca.

O tornamo-nos humanos se dá em vista da experiência e da troca com o outro, do mesmo modo em que Ulisses verdadeiramente se humaniza ao tocar tão simples e reverentemente Lóri após tantos outros toques quando fizeram amor: “Por um instante, como se tivessem combinado, ele beijou sua mão, humanizando-se” (Lispector, 2009, p.162-163). Igualmente, Lóri se humaniza e se aproxima de tal forma do ‘seu’ outro – Ulisses –, que recebe a alegria de viver o prazer de se perder para se achar, sem medo algum mais:

Nunca um ser humano tinha estado mais perto de outro ser humano. E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que estava antes encarniçadamente prendendo-a. E de súbito o sobressalto de alegria: notava que estava abrindo as mãos e o coração mas que se podia fazer isso sem perigo! Eu não estou perdendo nada! Estou enfim me dando e o que me acontece quando eu estou me dando é que recebo, recebo (Lispector, 1982, p.160-161).

Lóri fora iniciada na arte de se entender, aceitar-se e cuidar de si. Por isso pode fazê-lo também pelo outro. Ela dá sentido à sua existência como a antropologia defende que os homens devem dar-lhe: em coletividade. Este sentido é a *relação* na ocorrência essencial das relações simbolizadas e efetivas entre humanos pertencentes a uma coletividade particular (Augé, 1999, p.43), como Ulisses e Lóri. Importa dizer que antes dos corpos de ambos se misturarem, como G.H. se mistura e se amalgama à massa úmida, viva e branca da barata, unem-se os sentimentos. Lóri se percebe amando Ulisses. E neste momento, quase não narrável de tão insólito na referência à Sagrada Escritura, torna-se assaz interessante a *re-leitura* às avessas que Clarice faz do ato do pecado original – ao transformá-lo em libertação dos medos de Lóri e em entrada num ‘estado de graça’, manifesta no ato em que morde a maçã que estivera sobre a mesa em seu apartamento:

Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e sua cor escarlate – então devagar, deu-lhe uma mordida. § E, oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. Ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso. § Só deu uma mordida e depositou a maçã na mesa. Porque

alguma coisa desconhecida estava suavemente acontecendo. Era o começo – de um estado de graça (Lispector, 1982, p.146)⁵.

Vivendo o homem em sociedade, o eixo da relação ou da alteridade coloca em ação as categorias mais abstratas e mais relativas do si-mesmo e do outro, que podem ser individuais ou coletivas. No nível mais intimista, a ação nestas categorias percebe-se nos romances de Clarice. A hipótese de Augé é a de que a atividade ritual (entendam-se ritos de passagem ou de iniciação), sob suas diversas formas, tem por objetivo essencial a conjugação e o domínio dessa dupla polaridade – individual/coletiva, si-mesmo /outro (Augé, 1999, p.44). Depois dos *des-encontros* vividos pelas duas protagonistas, houve o encontro ritual iniciático de Lóri com o Ulisses que a seduzia com a palavra falada e escrita e de G.H. com a barata, cuja cara, boca, olhos e cílios pestanejantes a clamavam por sua proximidade e a faziam “chegar ao nada, e o nada era vivo e úmido” (Lispector, 2009, p.60-61)⁶. Dar-se-á, como corolário, o encontro com o sagrado, com o divino. Ainda que em níveis nada assintóticos⁷ e em diagramas peculiares a cada experiência, representados por movimentos preposicionais distintos: Lóri *diante de*, em sentido horizontal em relação a Ulisses, G.H. *abaixo*, em sentido vertical indo à barata, *kenotizando-se* completamente. Vejamos como se dá cada um dos encontros com o transcendente.

Em *Uma aprendizagem...*, o encontro com o sagrado é recheado de pares antitéticos bastante significativos – homem sobrenatural / Deus natural, dom da palavra/pensar sem palavras, paz/medo – que resultam na insolitude de uma síntese que abala “as teologias” de muita gente à primeira vista: a embriaguez da santidade, a santidade do corpo. Não será esta a perfeita síntese que une o antropológico e o teológico dentro de cada um de nós? É ao dizer: “Eis-me aqui” que eu sou. Assim é com o Jesus joanino. Assim é com o que teme a Deus e se relaciona com ele, tendo a coragem de lhe dizer quem é.

Saber-se a si mesma era sobrenatural. Mas o Deus era natural.

Lóri quis transmitir isso para Ulisses mas não tinha o dom da

⁵ Não nos esqueçamos que logo após Lóri passará por um momento de silêncio e terá um “batismo” no mar. A referência ao rito iniciático é direta.

⁶ A mesma estrutura de término de um capítulo e início do seguinte com a mesma oração ocorre aqui: “Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido”, a fim de apontar a importância deste momento preparatório ao rito de iniciação.

⁷ As retas assintotas ou assintóticas são as retas paralelas que podem se aproximar e se afastar, porém em nenhum momento se encontram, e assim até ao infinito.

palavra e não podia explicar o que sentia ou o que pensava, além de que pensava quase sem palavras.

Então ela, em voz baixa para não despertá-lo de todo, disse pela primeira vez na sua vida:

– É porque te amo.

Grande paz tomou-a por enfim ter dito. Sem medo de acordá-lo e sem medo da resposta, perguntou:

– Escute, você ainda vai me querer?

– Mais do que nunca, respondeu ele com voz calma e controlada. A verdade, Lóri, é que no fundo andei toda a minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que o que eu iria atingir era a santidade do corpo (Lispector, 1982, p.164-165).

Em G.H., o *per-curso* é bem mais profundo: ela mergulha no abismo de si, na incompreensão da compreensão de uma mulher sem paixão que vai conhecer o *pathos*: a paixão do Gênero Humano que desce ao mais baixo para elevar-se no paradoxo deste movimento. Como Jesus, representado no bom samaritano, ojerizado e odiado pelos ouvintes da parábola, assim é o elemento repugnante da barata que, no interior de G.H., vai trazê-la própria a uma nova vida, esvaziada de si mesma, perdida e achada. Ela tocara o impuro como Jesus tocara os leprosos, as prostitutas, os mortos, a mulher com uma irritante e dolorida menstruação contínua de doze anos. Não obstante, tornara-se pura como cada um desses a quem o Senhor tocou. Deseroizada. Ela se perdeu. Foi achada pelo Deus e agora, mais próxima do humano que há em si mesma, aproxima-se dele:

Oh Deus, eu me sentia batizada pelo mundo. Eu botara a boca na matéria de uma barata e enfim realizara o ato ínfimo. § Não o ato máximo. Como antes eu pensara, não o heroísmo e a santidade. Mas enfim o ato ínfimo que sempre me havia faltado. Eu sempre fora incapaz do ato ínfimo. E com o ato ínfimo, eu me havia deseroizado. Eu, que havia vivido do meio do caminho, dera enfim o primeiro passo de seu começo. § O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro. – – – – – (Lispector, 2009, p.178-179).

Para não concluir: novo porto e nova porta

O “rito iniciático” à prosa de Clarice Lispector permitiram-nos chamá-la por seu primeiro nome: Clarice. Tão à vontade se pode ficar com ela, como se permitiram Lóri e G.H. contar a nós seus medos e anseios, buscas e procuras, tristezas e alegrias, *des-encontros* e encontros. Entendeu-se antropologicamente que devo aceitar-me a mim e ao outro que diante de mim está – ele é o meu próximo e é de quem dependo para ser eu mesma. Quem ama a Deus, deve amar também a si e a seu irmão. A Bíblia tinha razão...

Descobriu-se teologicamente que a relação com o Deus que Clarice apresenta, em sua peculiaridade, depende da relação do humano com o humano que estabelecem. Isto é fato. Nesta relação, outra ganha vida: unir teologia e literatura torna-se uma possibilidade feliz de análise das obras de Clarice via suas questões antropológicas mais íntimas, baseadas nos fatos singulares do cotidiano vividos pelas protagonistas e na face tão intimista de suas mentes femininas.

Ao mesmo tempo, Lóri e G.H. tornam-se mulheres possíveis a nós, no sentido real e próprio de suas experiências, a não ser por um detalhe incômodo: a barata. Assim como seu interior na boca de G.H. é repulsante a nós, o apóstolo Paulo afirma carinhosamente que Cristo nos amou [ao ponto de ir por nós até a morte e morte de cruz (*Cf.* Filipenses 2,8)], sendo nós ainda pecadores (Romanos 5,8), baratas esmagadas que éramos e por vezes ainda somos. A um novo porto se chegou através deste estudo: Ítaca. Uma nova porta se abriu. Dito isto, à altura das peripécias narradas nas três obras, parte do poema de Konstantinos Kaváfis (1863-1933), *Ítaca*, pode encerrar o texto melhor que qualquer palavra:

Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

Referências bibliográficas

- Auerbach, E. A cicatriz de Ulisses. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Augé, M. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Barcellos, J.C. *Literatura e Teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo*. Disponível em <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/viewFile/852/737>
- Bíblia. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1980.
- Bingemer, M.C.L. *Iniciação e paixão: a tensão dialética entre Eros e Agape em dois romances de Clarice Lispector (texto utilizado em aula e encaminhado para publicação)*.
- Chantraine, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque – histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1990. 2 vols.
- Eliade, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Gesché, A. *O sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- Homero. *Odisseia*. vols. I, II, III. Trad. Donald Schüler. São Paulo: L&PM, 2007. (Edição bilingue grego-português).
- Levinas, E. *Transcendência e inteligibilidade*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- Lispector, C. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Lispector, C. *A paixão segundo G.H.*, Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- Manzatto, A. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- Manzatto, A. *Teologia e literatura: aproximações pela antropologia*. Disponível em: <http://www.alalite.org/files/rio2007/docs/Manzatto.pdf>
- Nunes, B. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- Ricoeur, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- Ricoeur, P. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
- Todorov, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

